

CORPO, PÁSCOA DO AMOR

Tânia da Silva Mayer
Mestra em Teologia - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Graduanda em Letras – UFMG
E-mail: taniamayer.palavra@gmail.com

Resumo:

A metáfora do corpo como Caminho de Deus, no qual humano e divino se inter-relacionam, encontra considerável recepção nos estudos de teologia na contemporaneidade. Mas a teologia não é a única ciência a se debruçar sobre o corpo. Há épocas, as artes, em geral, e a literatura, especificamente, tomaram-no para compor seu repertório acerca do ser humano e do mundo. Clarice Lispector é autora de “A via crucis do corpo”, coletânea de contos, no qual o corpo (com atenção ao corpo feminino) é abordado em diferentes aspectos pela autora. Na esteira da interface entre teologia e literatura, nosso trabalho consistirá da análise literária de contos selecionados da obra em questão, apontando as provocações que apresentam ao discurso teológico sobre o corpo na atualidade, a fim de construirmos uma teopoética, a partir da qual o corpo seja celebrado como páscoa do amor.

Palavras-chave: Corpo; Via Crucis, Páscoa; Amor.

Introdução

O corpo é caminho para Deus. A teologia cristã parte da premissa de que Deus tem um corpo e que esse corpo é lugar onde ele caminha ao encontro da humanidade. Nesse sentido, o corpo é caminho e encruzilhada. Via de mão única? De Deus a nós e de nós a Ele, pois se fez carne, fazendo-nos Corpo do seu Filho Jesus, num acontecimento pascal de amor.

Nesse trabalho propomos uma leitura de dois contos de “A Via Crucis do Corpo”, livro de contos de Clarice Lispector, visto com desconfiança pela crítica literária, que o compreendeu, a partir da “Explicação”, como livro encomendado, com traços e histórias reais e, portanto, de menor valor estético e literário. No entanto, não é o que se vem mostrando graças ao feliz interesse de professores e professoras pelo texto ao indica-lo para estudantes, bem como a acolhida do mesmo, como objeto de pesquisa, entre os novos pesquisadores.

A partir dos contos, “Miss Algrave” e “Via Crucis”, perceberemos como Clarice Lispector aborda a problemática do corpo, especialmente o corpo da mulher, e de como ele é tomado como via entre morte e vida, a partir do qual se chega a uma iluminação e do qual ninguém pode abrir mão. O corpo é via da cruz, e isso é compreendido já desde

o parto, primeiro caminho que devemos percorrer no abandono das seguranças e no acolhimento de um futuro incerto. Por outro lado, o próprio corpo é o caminho irremediável para ser pessoa e realizar-se erótica e eticamente com os outros, sem hedonismos e egolatrias, com responsabilidade recíproca.

Oxalá o diálogo que propomos entre teologia e literatura ajudem-nos a compreender fecundamente os mistérios do corpo, a fim de que resquícios de uma teologia depreciativa e negativa da corporeidade não encontrem espaços para frutificar na cultura hodierna, imputando fardo demasiadamente pesado à dimensão erótica do corpo, que é acontecimento pascal do amor.

1 “Miss Algrave”, o erótico pascal

“Miss Algrave” narra a história da personagem Ruth Algrave. Mulher que morava sozinha em Londres, numa cobertura em Soho. “*Era datilógrafa perfeita*”, e se alimentava apenas de “*legumes e frutas*”. Era descendente de irlandeses: “*Era ruiva, usava os cabelos enrolados na nuca em coque severo. Tinha muitas sardas e pele tão clara e fina que parecia uma seda branca. Os cílios também eram ruivos. Era uma mulher bonita*”. Ela própria “*orgulhava-se muito do seu físico: cheia de corpo e alta*”. Frequentava a igreja e cantava no coral, pois “*tinha voz maviosa. Uma pessoa privilegiada*”. Publicava cartas de protestos no *Time*. “*Solteira, é claro, virgem, é claro*”. Banhava-se somente aos sábados, quando tudo aconteceu.

Assim, Clarice Lispector situa-nos no universo de “Miss Algrave”, nomeação utilizada pelo “chefe” de Ruth Algrave ao se referir à nossa datilógrafa, mas que será assumida pelo narrador ao longo de todo o conto. Lispector nos permite visualizar Miss Algrave quase plasticamente, com descrições precisas em relação às características físicas, aos hábitos alimentares e religiosos da personagem. Tudo isso opera no leitor certa proximidade real com Algrave, a respeito de quem são revelados os conflitos interiores e exteriores, sobretudo aqueles encerrados nos limites do corpo, do erótico e do sexo.

Em Miss Algrave uma relação antitética é estabelecida entre sagrado e profano. Tal relação é percebida no posicionamento que Algrave tem com respeito a certos aspectos dos relacionamentos humanos, sobretudo aqueles compreendidos num âmbito erótico e sexual, tal como o namoro, o beijo, a prostituição, etc. Mas para realizar a antítese, a virgindade da nossa personagem é trazida à tona: “*Virgem, é claro*”. Miss Algrave ainda é virgem, constatação que não impõe nenhum prejuízo moral à

personagem diante dos outros com os quais supostamente convive, pois a virgindade é compreendida aqui no âmbito do sagrado, do separado, daquilo que não é profanado, invadido. A abordagem de um tema incômodo para nossa sociedade, e principalmente para aquela no qual “A Via Crucis do Corpo” foi escrito, é tratado por Lispector sem pudor e sem prejuízo moral para a personagem feminina em questão, uma vez que seu estado não é questionado por outros e nem por si mesma.

Postulado isso, verifica-se que Algrave, no que diz respeito ao sexo, cultiva apenas lembranças culpadas por ter brincado de marido e mulher com um primo aos sete anos de idade. Esta experiência, ao que parece traumática, cultivou repugnância a tudo o que se refere ao sexo e aos afetos, de modo que uma simples cena de beijo na televisão é rotulada de imoral e a cena das mulheres que se vendem sexualmente aos homens por dinheiro na “*praça de Eros*” a deixaria com ânsia de vômito, levando-a a escrever cartas de protesto para o *Time*, contra tudo aquilo que é “*falta de vergonha*” e profana o corpo.

Desse modo, Miss Algrave rejeitará tudo o que é erótico e sexual, pois tudo nesse campo é profano, sujo e pecaminoso. A dedicação única ao cumprimento do seu trabalho, a alimentação à base de legumes, macarrão e frutas – nunca à base de carne, pois considerava pecado comer carne – e o cultivo de uma vida de solidão, convivem com certa religiosidade em Algrave, ela que sempre lê a Bíblia – escrita com maiúscula, indicando tratar-se de um texto sagrado para a personagem –, recorre a Deus – desta maneira nomeado – para o perdão dos pecados, reza e frequenta o canto coral da igreja. Nesse sentido, a antítese entre sagrado e profano se impõe uma vez que tudo o que não se misturar com a profanação dos corpos ocupará irremediavelmente o âmbito de sagrado, portanto inalcançável.

É importante perceber o lugar paradoxal do corpo em Miss Algrave, aliás, o lugar específico do corpo desta mulher solitária. Ela é uma mulher bonita, orgulhosa de seu físico, mas que toma banho sem despir-se completamente para não ver o próprio corpo nu. Algrave não é alguém que se lança na grama do parque para aproveitar o sol quente, ela apenas se assenta. Contém o corpo. Domina-o. O orgulho do corpo esbelto e bonito convive com irremediável rejeição deste, quando de sua nudez, estabelecendo um paradoxo no nível da estética e do desejo erótico. Se seu corpo é belo e bom, por outro lado, a nudez é entendida por Algrave como uma contra abertura para o sagrado, ela é possibilidade para o profano. Por isso, mesmo ao banhar-se, Miss Algrave o faz sempre de calcinha e sutiã.

Mas essa abordagem é logo suplantada pela reviravolta do corpo, até então considerado sagrado, mas em vias de uma profanação por um ser sagrado de Saturno, em vistas de uma santificação suprema. O fato é que Miss Algrave nunca teve os seios tocados. Os seios pertencem ao campo semântico da maternidade e do feminino. Eles impõem a distinção e a limitação do feminino com relação ao masculino, ilimitado. Símbolos da vida, por meio deles dá-se o líquido fecundo às gerações, têm conotação “de intimidade, de oferenda, de dádiva e de refúgio” (CHAVALIER, 1906). “*Nunca ninguém havia tocado nos seus seios*”, esta afirmação traz outra em seu bojo: nunca o limite do feminino havia sido ultrapassado no corpo de Algrave pela união a outro corpo. O corpo dela permanecia separado, intocado. Isso significa que Algrave nunca se sujeitou a Eros, o poder unificador, a respeito do qual nutre repulsa, mas que originalmente é compreendido como amor que deseja radicalmente, no qual reside grande energia vital²².

Os seios de Miss Algrave são a chave de leitura para perceber como o corpo desta mulher é apresentado como encruzilhada, na qual se dá um encontro de profanação sagrada do sagrado, em vistas de uma santificação. O fato é que tal profanação acontece numa relação hierogâmica: Ixtlan, ser de Saturno, cuja presença não é vista, apenas sentida e ouvida, “*deitou-se ao seu lado na cama de ferro. E passou as mãos pelos seus seios*”. Ele é um ser incorpóreo, mas descrito possuindo uma cabeça, na qual se encontra uma coroa de cobras entrelaçadas com temor da morte. Parece-nos que Lispector propõe uma releitura do mito das origens da tradição judaico-cristã, no qual a serpente no Jardim do Éden conduz mulher e homem à queda, fato que os fazem se aperceberem nus. Miss Algrave está nua. Esse ser divino, sagrado, transcendente, toca os seios dela, e isso a faz experimentar o que nunca havia experimentado antes, o poder do corpo, o de ter sensações incríveis ao gozar prazer sexual e o de se alimentar da carne e de vinho tinto. Toda a reviravolta na vida de Algrave, bem como a nova percepção do mundo que ela adquire, revela como o corpo se comporta na abertura das duas portas fundamentais do ser humano: o sexo e a alimentação, ambos vivenciados com gula por nossa personagem nessa nova fase da vida.

Percebe-se como a experiência erótica de Algrave promove nova compreensão religiosa de nossa personagem. Ela canta um canto novo, composto de aleluia, aleluia,

²² No entanto, Eros, o amor erótico e o desejo foram lidos com prejuízo pelo ocidente cristão, pois tomados exclusivamente sob a ótica sexual-genital conotaram um movimento desordenado nos afetos humanos.

aleluia. O corpo descoberto no amor erótico, um corpo que passou da morte (do sagrado – intocável, separado) a ressurreição (santificação do corpo – aproximado, unido) louva o Senhor com maior intensidade. Da mesma maneira, a percepção de aparente sujeira do corpo após o sexo dá espaço a uma iluminação de Deus: *“Deus iluminava seu corpo”*. Das trevas a luz, o corpo de Algrave é páscoa do amor.

Chama-nos a atenção a demarcação dos dias da semana nos quais são descritos os acontecimentos pascais de Algrave: sábado e domingo. *“No dia em que aconteceu era sábado e não tinha portanto trabalho”*. A noite de sábado para domingo é crucial na vida de Algrave, tal como o dia de sábado o é para os judeus e o domingo para os cristãos. Os judeus compreendem o sábado como dia dedicado ao Senhor, no qual se dá a inabitação divina, isto é, quando Deus acampa entre as criaturas. Por isso, o trabalho é impedido de realizar-se, pois é necessário estar todo inteiro para o Senhor. Aí se realiza o encontro de Deus com o povo. Em *“A Via Crucis do Corpo”*, o ser transcendental de Saturno vem à Algrave no sábado, encontrando-a em seu descanso e sem resistência, pelo poder de Eros, faz-lhe alcançar uma realidade mais plena que ninguém conhecia. Por outro lado, na tradição cristã, a ressurreição de Jesus Cristo é um acontecimento situado na ida das mulheres ao túmulo na madrugada do domingo (cf. Mc 16, 1-8), momento em que a comunidade cristã começa a perceber a realidade nova que lhe está sendo comunicada: a ressurreição do Mestre. A simbólica demarcação do tempo feita por Lispector indica aos leitores que algo surpreendente aconteceu à Algrave: ela foi ressuscitada.

De fato, Deus iluminava seu corpo porque este havia se entregado à força de Eros. Note-se que a iluminação é afirmada no cristianismo com relação àqueles que são batizados. Quem é batizado é chamado de *“iluminado”*. Em Miss Algrave, o gozo é um novo batismo, que traz a iluminação numa manhã clara de ressurreição de nossa personagem, ressurreição para uma vida que havia percorrido a dolorosa e incompreensível via crucis do corpo sem amor, para agora envolver-se em aleluias amorosas. Os banhos posteriores, à diferença da restrição destes no passado próximo de Algrave, também marcam a nova experiência da personagem, recebendo também conotação batismal, desta vez como preparação para o encontro erótico e, cada vez mais agápico, com o ser de Saturno. Eros e Agápe se realizam na esteira do corpo, pois o que se verifica na postura de nossa personagem é o amor apaixonado pelo corpo e pela vida.

2 Irremediável caminho da cruz

“Via Crucis” é parte de “A Via Crucis do Corpo”, conto releitura das narrativas do nascimento de Jesus, tal como apresentado em alguns dos Evangelhos do Novo Testamento cristão. Com algumas radicais peculiaridades, há uma retomada bastantemente simbólica das personagens dos Evangelhos nas do conto em questão. Trata-se de uma leitura provocadora à teologia cristã, no que se refere aos acontecimentos relevantes e fundamentais no âmbito desta fé, que vão do nascimento até a morte de Jesus.

Inicialmente, é importante perceber que o pano de fundo do conto está fundamentado na concepção de uma gravidez misteriosa, a respeito da qual se afirma não ser consequência de um ato sexual. No conto de Lispector, Maria das Dores é uma mulher virgem casada, cujo marido nunca a tocou, pois é “*homem paciente*” e “*já é meio impotente*”, fato que a impediria ou a dificultaria de engravidar tal como outras mulheres. No entanto, ela está grávida. O sinal, a menstruação que não veio. A confirmação, por sua vez, ocorre somente mediante consulta médica: uma gravidez evidente para a ginecologista, não para Maria das Dores. Não é estranha a história de gravidezes de virgens, o próprio cristianismo afirmou o dogma da virgindade corporal de Maria, a mãe de Jesus, cuja maternidade seria de origem divina e de quem Maria das Dores se recorda ao experimentar acontecimento semelhante.

Predomina no conto o aspecto misterioso e surpreende de uma gravidez que exclui o sexo como ponto de partida lógico-biológico. O que percebemos com essa opção é a ausência do corpo em ato sexual procriador sendo afirmado em primeiro plano da história. Se o corpo da mulher nunca ocorreu ao sexo, tampouco se fez necessário um corpo de homem para que essa gravidez ocorresse. No entanto, tudo isso produz o interesse com relação a outro corpo, o do bebê que se desenvolve dinamicamente no corpo de Maria das Dores. Embora seja uma gravidez por intermédio misterioso, sagrado, concebida fora do ato sexual, o resultado dessa gravidez é um “*feto dinâmico*” na barriga crescente de uma mulher.

A atenção é inteiramente voltada para a barriga de Maria das Dores, para o feto que se tornaria um “*Jesus vigoroso*”. Precisamente, é o desenvolvimento da criança no útero da mãe que a iluminava. A iluminação da mulher residia no fato de que o menino, o novo messias ainda por nascer, dava a entender que progredia dia após dias, pelo sinal da barriga sempre crescente, pelos comportamentos assumidos pela mãe, pelos desejos estranhos dela e pela crença de que já estaria fazendo alguns milagres. O bebê iniciava, no corpo da mãe, a sua via crucis da existência.

Há uma expectativa construída com relação ao nascimento da criança, que vai desde a escolha do nome, se se chamará Jesus ou Emanuel, e se seu futuro será tal e qual ao do primeiro Messias bíblico. Essa expectativa pelo futuro da criança reside na consciência de que ele poderá, quando homem, percorrer um caminho de sofrimento e ser crucificado. Para livrar o filho desse possível destino semelhante, Maria das Dores é aconselhada à oração. Ao menino, ela também dará o nome de Emanuel, a fim de que ele não tenha o corpo também pregado num cruz, como sentença fatal da vida. Nessa esteira, pode-se compreender claramente que a interrupção da vida é compreendida como interrupção do corpo. Corpo e vida estão indissociavelmente relacionados numa interdependência mútua. Se o sexo e o erótico não recebem o primeiro plano nesse conto, a fim de que se faça prevalecer uma dimensão mistérico-sagrada da gravidez, no nascimento, corpo e vida tornam-se uma única realidade de significado.

Percebe-se também que o próprio nome da mãe, Maria das Dores, título conferido à mãe de Jesus, fundamentado no sofrimento desta de acompanhar o filho até a morte da cruz, corrobora um paralelismo semântico entre nascimento (encarnação) e morte (cruz), dois eventos nos quais o corpo está lançado aos inteiros cuidados dos outros. Momentos nos quais não se vislumbram autonomia humana, mas total dependência dos outros. Esse paralelismo semântico presente no nome da mãe pode ser lido desde a ótica cristã, numa teologia da manjedoura à luz da cruz, e vive e versa, segundo a qual manjedoura é a prefiguração da humilhação na cruz e a cruz o pleno cumprimento do tornar-se carne.

Nesse sentido, a via crucis humana é aquela que se inicia ainda no abrigo do corpo gestante e que se estenderá por toda a vida até a morte. Nessa via dolorosa, todos passam, é a certeza única a ser adotada como dogma de vida. A primeira via dolorosa é o caminho até a saída do corpo da mãe. Esse que é o abrigo biológico, a vida certa. Apesar disso, o futuro da criança que nasceu sobre o nome de Emanuel é incerto e desconhecido. Ao negar-lhe o nome de Jesus, ao mesmo tempo em que o parto se dá em meio aos clamores de “*Ai Jesus*”, tenta-se iluminar o futuro do menino com outra sorte, diferente da dos outros mortais, diferente da do Jesus dos Evangelhos. Trata-se de uma desconstrução simbólica, mas ao nível do futuro, pois o presente, o parto, o corpo parido é o limiar da via crucis, um acontecimento de iluminação de “*um forte e belo menino que deu um berro na madrugada*”.

Conclusão

O corpo é páscoa do amor. Nossa leitura de “A via crucis do corpo” procurou encontrar nos textos de Clarice Lispector os elementos que dialogam e, portanto, provocam a compreensão cristã a respeito do corpo. Como vimos em “Miss Algrave”, o corpo entregue ao prazer erótico não está determinado aos condicionamentos materiais. O prazer erótico que o corpo experimenta é também abertura para o sagrado, o mistério, o transcendente. Isso porque ele é um acontecimento pascal, que marca radicalmente a vida e o corpo. Eros é poder unificador, mas também abertura para encontrar-se com o outro, encontrando-se a si mesmo de maneira nova e iluminadora.

Sob teologias antigas que insistem ainda hoje numa compreensão negativa do corpo, segundo as quais o prazer erótico constitui-se num movimento desordenado dos afetos, e que é fruto do pecado, o diálogo profícuo entre teologia e literatura torna-se urgentemente necessário, pois dele emergem outras dizibilidades do mundo e do corpo, numa esteira mais libertadora e salvífica, na perspectiva que a Encarnação de Jesus Cristo oferece ao mundo.

O corpo é páscoa. Passamos pelo corpo genitor. E esse caminho é limiar de uma travessia percorrida até o fim da vida. Num mundo marcado pela cultura do hedonismo, que é a busca desenfreada e irresponsável pelo prazer, os sofrimentos, as frustrações e as doenças do corpo não são assumidos e vividos com integridade por muitos. A satisfação do ego a qualquer custo imputa um radical distanciamento e objetificação do outro e do seu corpo. Desde uma ótica cristã, o corpo deve ser compreendido como páscoa da morte para a vida. E esse movimento só pode acontecer pelo amor que une e aproxima, santifica e ilumina.

Referências

CORREIA JÚNIOR, João Luiz; RIBEIRO, Nilo. *O amor em suas múltiplas formas*. São Paulo: Paulinas, 2013.

GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul (Org.). *O corpo, caminho de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

SILVA, Patrícia Lopes da. *O corpo e suas “cruéis” exigências em A via crucis do corpo, de Clarice Lispector*. Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://www.cch.unimontes.br/ppgl/admin/arquivos_upload/banco_dissertacoes/83.pdf. Acesso em 01 de ago. de 2017.